Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

DA IMPOSSIBILIDADE À POSSIBILIDADE

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Resumo: Depoimento pessoal em que é relatado o processo de ultrapassagem entre a impossibilidade do entendimento do estudo dos textos de Lacan e a possibilidade de compreensão da sua obra pelo estudo do Seminário 4 – A relação de objeto.

Palavra-chave: Lacan, Freud, estudo, seminário.

São Paulo

2018

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



FROM IMPOSSIBILITY TO POSSIBILITY

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Abstract: Personal statement in which the process of overcoming between the impossibility of understanding the study of Lacan's texts and the possibility of understanding his work through the study of Seminar 4 – The object relationship is reported.

Keywords: Lacan, Freud, study, seminar.

São Paulo

2018

O meu encontro com o estudo sempre foi permeado pela dificuldade, faltava uma autorização interna ao saber.

Iniciei o ano passado com frase fixa no meu pensamento "impossível aprender Lacan".

Comecei *lendo* o Seminário 4, não exatamente estudando-o, afinal isso seria "impossível". Até que me deparei com a proposta "Vamos estudar?" de alguém distante dessa fixidez.

Com esse estudo fora das atividades do Instituto Vox, me vali da "possibilidade" de volta às primeiras páginas de seminário e me deparar com o gráfico 'O Esquema'. Pela primeira vez eu olhava, pensava, refletia sobre um gráfico de Lacan.

Não identificava o porquê entender os gráficos. Ouvia de tantos com mais experiência um sonoro "não precisa compreender", "não faz diferença", ou também, os que faziam como eu, simplesmente os pulavam. Havia também outra voz que dizia "importante aprender os gráficos", eu resolvi ouvir. Então, qual era a importância deles? Eu me perguntava, em pensamento e em voz alta, "Como uso na clínica esse gráfico?", e a resposta obtida foi "não usa". Essa questão me acompanhou por todo o ano.

Segundo Lacan, ali está presente a relação do sujeito com o Outro, tal como constituída no início da análise. "Esta é a relação de fala virtual," disse ele, "pela qual o sujeito recebe do Outro sua própria mensagem, sob a forma de mensagem inconsciente", e ainda que "esta mesma mensagem é desconhecida pelo próprio sujeito, que sua fala está interceptada pela interposição da relação imaginária entre **a** e **a',** entre o eu e o outro."

Ao parar e refletir sobre a clínica, em como um paciente chega ao consultório, naquilo que está presente em sua fala, representado no esquema de Lacan, o que antes me parecia inimaginável compreensão começou a fazer sentido. Mas havia, e ainda há, um longo percurso a percorrer.

O fato é que, a partir dessa condição, algo novo se inscreveu, mesmo que, então, eu não soubesse exatamente o quê. Também naquele momento, em outra atividade do Vox, eu voltei a estudar Freud – quando, até ali, acreditava já tê-lo estudado.

O encontro para estudo paralelo do Seminário 4, 'A relação do objeto' tinha se originado na dificuldade de apresentar um dos capítulos, comprometimento necessário de cada participante dessa atividade no Instituto.

Assim, no estudo pontual da preparação para expor um capítulo do Seminário 4, o desejo pelo saber foi se inscrevendo. E, para além das relações pessoais que dali despontaram, o mais importante e desafiador foi a crescente aquisição de conhecimento.

O estudar tomou forma, conquistou mais um e outro interessados, ganhou hora, data semanal, interesse, envolvimento pelo encontro, que nomeio hoje, neste trabalho, de "DA IMPOSSIBILIDADE À POSSIBILIDADE". Entendo que reside aí o cerne do que fez esse grupo informalmente constituído no Vox, existir e se manter: descobrir ser possível estudar Lacan.

Contudo, apesar de também participar do grupo de estudo de Freud, não entendi, claramente, naquele primeiro semestre, o quanto a falta de uma real reflexão da escrita freudiana comprometia a potencial aproximação do entendimento da obra lacaniana.

A atividade informal do pequeno grupo de estudo dos seminários de Lacan ganhou expressão própria no Vox quando uma inesperada convocação se deu. Fui surpreendida pela solicitação para passar a coordenar, junto com dois outros colegas, a atividade voltada aos textos de Freud.

O desafio era imenso. Como coordenar um estudo de um tema que eu mesma ainda estava adquirindo conhecimento, em que me percebia efetivamente pela primeira vez aprendendo? Aceitei a coordenação, juntamente com os colegas de estudo do Seminário 4, mas ainda sem entender precisamente as implicações daquele compromisso.

Havia várias questões presentes naquele momento. Como coordenar um estudo de um não saber para um saber, como não assumir um lugar de professora, que afinal eu não sou e tampouco tenho experiência para assumir tal lugar? Como coordenar um estudo com mais dois coordenadores e, ainda, como estar perante colegas que tanto sabiam, ou sabiam mais, cada um em sua individualidade e percurso com a psicanálise? Além disso, a dúvida constante: haverá interessados em compor o grupo, alguém mais se disporá a fazer parte desse desafio, de um não saber voltado a uma suposta nova possibilidade de estudo?

Ainda como que imobilizada por minha fixidez – entender Lacan e me dirigir no processo de aprendizado da psicanálise a psicanalistas –, eu não vislumbrava caminhos frente à identificação de tantos obstáculos. A alternativa foi me preparar ao máximo para tais encontros semanais. Era o que eu podia fazer.

No decorrer da coordenação, o mais interessante foi que o aproveitamento da condição de estudo, a discussão daí propiciada, o se fazer presente e constante foram maiores que qualquer dificuldade imaginária. Em vários momentos me percebia muito mais interessada no homem primevo do texto 'Totem e Tabu', de Freud, por exemplo, do que fixa em minhas limitações.

Eu fui descobrindo dois novos encontros com a obra Freudiana, um que, diante de minha experiência clínica eu reaprendia Freud, muitas vezes me parecia algo novo. Nesta condição de

me preparar para os encontros, com a responsabilidade da coordenação, me deparei com a oportunidade de estudar Freud como nunca antes havia feito.

E também me deparei, com a grata surpresa, de me perceber em momentos de impasses, fornecendo ao grupo exemplos pertinentes de meus atendimentos clínicos.

Quando tivemos de ler 'O Chiste e sua Relação com o Inconsciente', achei que encontrava novamente a velha restrição, tal a falta de entendimento inicial. O grupo se uniu nesse desafio, discussões calorosas aconteceram e acredito poder dizer que cada um de nós saiu satisfeito consigo e com o grupo.

Hoje, refletindo sobre o ano que passou, percebi a diferença entre ter *lido* texto 'A Jovem Homossexual' e ter *estudado* o texto 'A análise de uma fobia em um menino de cinco anos", ambos de Freud.

Ao *ler*, houve um entendimento superficial. Os gráficos do Lacan sobre 'A Jovem homossexual' eram até certo ponto apreendidos, eu conseguia acompanhar a fala dele, mas ainda me faltava o porquê dos gráficos, pelo menos a razão de encontrar tamanha dificuldade. Se Freud nos explicava tão bem, eu sabia que Lacan ia além, mas algo restava compreender ainda.

Ao aprofundarmos o caso do pequeno Hans, já na coordenação do grupo dos textos de Freud, eu buscava a importância dada tanto por ele quanto por Lacan àqueles diálogos tão longos entre pai e filho. E me impressionava com o tanto retirado, analisado daqueles diálogos com um menino de cinco anos. E mais: o quanto eu precisava voltar ao texto que acabara de ler, e estudar tantas e tantas vezes, para poder acompanhar capítulo a capítulo o Seminário 4.

O entendimento a partir do estudo do caso Hans, na coordenação do grupo, e do estudo para as exposições do Seminário 4 propiciaram vislumbrar o raciocínio de Lacan nos gráficos. Ele nos trazia 'o Esquema' (p. 10) e nos forçava a identificar, no caso Hans ou no da jovem homossexual, o funcionamento psíquico passo a passo de sua análise, a cada etapa, um novo gráfico. Ouso dizer que nos era apresentada passo a passo por Lacan a movimentação psíquica.

Nesse meio tempo, mais uma atividade no Vox nos foi proposta. Leríamos nos *Escritos* o texto 'Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise'. Ao me defrontar com esse texto, percebi que estava trilhando um caminho de estudo singular, individualizado, pois estava diretamente relacionado com a minha experiência clínica.

Admito que foi a partir da leitura desse texto que comecei a refletir sobre meus atendimentos, até aquele momento havia o estudo e a clínica, de alguma forma havia quase uma separação. Esse texto ofereceu a oportunidade de refletir sobre ambos, dentro da minha

singularidade. Algo ainda discreto, mas de fato um início de esforço, a exercitar o pensamento sobre meus atendimentos clínicos.

Finalmente eu encontrava uma resposta à indagação sobre como aplicar o gráfico à clínica – e minha clínica tomava um novo contorno, um contorno por uma possibilidade outra.

Na faculdade ouvíamos sempre sobre o tripé necessário para a formação de um analista: supervisão, análise e estudo. A partir do ano que passou, percebi que no Vox essa estrutura vai além. No quesito estudo, ocorrem também as discussões clínicas, as apresentações de paciente em hospital psiquiátrico, estudo da obra do Freud, dos Seminários do Lacan, dos textos mais significativos de Lacan para aquele momento do estudo e, para os que querem ainda mais, pode-se fazer parte de um grupo de pesquisa. Afora atividades extras outras.

A esse tripé, ainda no âmbito do estudo, acrescentaria os gráficos de Lacan. Não se trata de uma atividade específica, mas hoje me pergunto se há como ser um analista lacaniano sem eu diria – enfrentar, os gráficos do Lacan, sem refletir sobre os vários estágios da análise dos pacientes.

Nos últimos capítulos do Seminário 4, me deparei com a impossibilidade novamente. Os gráficos trazidos por Lacan explicam passo a passo vários momentos da fobia do pequeno Hans: ele coloca em uma fórmula toda a complexidade existente nesse menino, nos dizendo de suas relações familiares, suas dificuldades, o que precisa cair, seu funcionamento psíquico. E o que compreendi é que, a partir disso que venho nomeando de ‘exercício do raciocínio clínico’, o analista pode trabalhar de um lugar outro.

Esses gráficos nos mostram a diferença gritante entre a obra de Freud e de Lacan. Em Freud, por exemplo, o Complexo de Édipo se dá nos meninos de uma forma e nas meninas, de outra; para Lacan, a partir da elaboração dos gráficos, há a singularidade, a individualização para cada sujeito e não somente a diferenciação entre meninos e meninas. E essa singularidade é possível a partir desse exercício do raciocínio clínico presente nos gráficos. Podemos assim pensar *cada* paciente.

Mais uma vez entendia que meu encontro com os gráficos de Lacan estava somente no início.

Ao término do semestre na coordenação do estudo de Freud, eu posso dizer com segurança que o que estudei para esses encontros não será mais esquecido. E somente a partir desse estudo fez-se viável um maior entendimento do Seminário 4.

De repente eu me ouvia – fosse no grupo de estudo do Seminário 4, fosse na Coordenação do Estudo sobre Freud –, eu ouvia a minha voz, pela primeira vez minha voz aparecia.

Entendo que o desejo pelo estudo, a constância, a apropriação do saber, o tesão ao término de uma discussão ao longo do semestre passado foram os pilares para que essa coordenação possa existir por mais um ano.

No último encontro do grupo agradeci a aposta nesse estudo, afinal, me foi surpreendente que todos os integrantes do primeiro semestre mantiveram a participação ativa no semestre seguinte, sob a nova coordenação. Eu ouvi que "A aposta não foi em vocês, foi pela aposta *que o Vox* fez em vocês", e eu respondi: "Mas nós coordenadores e vocês ficamos, nos apropriamos ao ponto desse estudo em Freud ter a possibilidade de continuidade".

De fato, tanto coordenação como participantes se apropriaram desse projeto e, de modo privilegiado, o transformaram em algo coerente que, também por isso, funcionou.

O Instituto Vox nos permite encontrar nossa própria voz. É um lugar onde a *impossibilidade* pode efetivamente ceder lugar à *possibilidade*.

Referência Bibliográfica

LACAN, J. (1956-1957). **O Seminário IV: A relação de objeto Campo Freudiano do Brasil**, editora Zahar (1995).